



A VOZ ROUCA

que não se cala

#11

A Voz Rouca

Professores da rede privada em estado de greve

No dia 10 de março, mais de 300 professores de escolas particulares se reuniram em assembleia na sede do Sinpro e aprovaram estado de greve. Com isso, está aberta a possibilidade de cruzarmos os braços nas próximas semanas.

O motivo? Os donos de escolas estão tentando aproveitar a reforma trabalhista para destruir as garantias que os professores têm em sua Convenção Coletiva – como bolsas para filhos, recesso, semestralidade, entre outras. Com a nova legislação, a correlação de forças entre os patrões e os sindicatos mudou, pois os direitos já acordados nos anos anteriores não são mais prorrogados automaticamente. Assim, um impasse nas negociações pode retirar imediatamente todas as garantias coletivas da categoria.

Os trabalhadores estão contra a parede: nossa convenção expirou mês passado e foi estendida até 28 de março; depois disso,

corremos o risco de cair em um limbo sem garantias. Só uma forte mobilização nas escolas pode inverter o jogo.

Não podemos ficar à mercê das negociações sindicais a portas fechadas e das decisões da Justiça do Trabalho. A única forma de garantirmos que o sindicato não vai ceder e apostar na boa vontade nos tribunais é nos organizarmos para pressionar em cada local de trabalho, forçando os patrões a recuar.

No limite, teremos de lançar mão da única maneira de atingi-los diretamente: paralisar as aulas. A aprovação de estado de greve é um chamado aos colegas para prepararmos o terreno para uma paralisação, que pode ser indispensável para impedir a demolição da convenção.

As primeiras ações são um ato em frente à



entidade patronal no dia 15 e o combinado de trabalhar de preto nas terças (dias de negociação). A assembleia também cobrou transparência nas negociações e exigiu mais comunicação do sindicato com os professores e com as famílias de alunos.

Nas escolas...

Colégio Anglo 21

A convenção vem sendo discutida na escola e na última semana foi pauta nas reuniões pedagógicas de todos os segmentos. Estavam presentes nas últimas assembleias docentes do F1, F2 e Médio. Na terça-feira, muitos foram trabalhar de preto e vestiram adesivos do sindicato.

Escola Santi

Na Escola Santi alguns professores, após uma primeira reunião, escreveram uma carta para a equipe sobre as conquistas que estavam em risco neste ano e sobre a importância de se organizarem coletivamente. Também ocuparam o mural da sala dos professores com cartazes chamando os colegas para se mobilizar.

Grão de Chão

Na escola de educação infantil Grão de Chão, a equipe se organizou para vestir preto nas terças-feiras.

Colégio Santa Cruz

No Santa Cruz, os professores construíram um calendário de reuniões gerais mensais para a discussão de pautas que afetem a todos. Mesmo assim, neste mês de março, se reuniram semanalmente para discutir as pautas apresentadas pelo Sinpro. Nestas duas semanas, conseguiram também tirar uma comissão para expressar à direção a preocupação do corpo docente em relação à proposta de mudanças na Convenção Coletiva feita pelo Sieesp. Na última terça-feira, o Médio e o F2 se organizaram para vestir preto.

Oswald de Andrade

Professores do colégio Oswald de Andrade redigiram uma carta aberta à comunidade expressando sua preocupação com as propostas da patronal que pretende desmantelar nossa Convenção. À pedido de colegas de outros colégios, a carta foi transformada em manifesto, que poderá ser assinado por outras escolas.

Gracinha

Na Escola Nossa Senhora das Graças, os professores estão retomando a mobilização. Fizeram uma assembleia na escola para discutir os ataques à Convenção, com a presença de um representante do Sinpro. Assinaram o manifesto lançado pelo Oswald e combinaram de ir de preto na terça-feira.

O que querem os donos das nossas escolas?



- Bolsas de estudos para só um filho, e só para professores com mais de 10 aulas semanais. Bolsa não cobre período integral e currículo extra;
- Poder aumentar a **duração da hora-aula** para mais de 50 min. (na prática, uma redução brutal de salários!);
- Fim do limite da **jornada do professor mensalista** (pode chegar a 44h);
- Parcelar férias coletivas** e diminuir o **recesso escolar** de 30 para 20 dias;
- Não pagar recesso a professor demitido no fim do ano;
- Demitir sem pagar **aviso prévio** e não pagar multa se atrasar a **homologação**. Só pagar indenização a demitidos após os 60 anos (hoje é aos 50);
- Escola fica isenta de justificar demissão por **justa causa**.
- Fim da **garantia semestral de salários** antes de 5 anos na escola;
- Fim do pagamento de adicional em municípios conurbados;
- Não pagar seguro de vida se professor "der causa" à própria morte;
- Possibilidade de **reduzir salário** e carga sem consentimento;
- Permitir **banco de horas** e compensação de feriados (para nunca mais pagar **horas extras**, nem janelas);
- Possibilidade de contratar para o mesmo cargo com **salários diferentes**;
- E outras coisas, como redução da PLR e da garantia pré-aposentadoria.

CALENDÁRIO DE MOBILIZAÇÃO:

TODAS AS TERÇAS: O Sinpro se reunirá com a patronal para negociar. Nesses dias, vamos trabalhar vestindo preto para reforçar a pressão em cada colégio.

TODOS OS SÁBADOS: Estão marcadas as assembleias da categoria na sede do Sinpro (Rua Borges Lagoa, 208) às 9h da manhã.

TODOS OS DIAS: Na sala dos professores, nos corredores, no happy hour, no Zap: converse com seus colegas sobre as ameaças à Convenção. Pensem juntos em formas de se organizar para pressionar no seu colégio. Lembre-se que estamos em estado de greve.

Professores municipais em greve

Os professores do município de São Paulo estão em greve desde o dia 8 de março. A greve é contra o Projeto de Lei 621/2016, que institui o Regime de Previdência Complementar Sampaprev.

Fora a criação desse regime que favorece apenas as instituições financeiras, o prefeito João Dória apresentou um aditivo ao PL que aumenta a contribuição previdenciária de todos os funcionários públicos de 11% para 14%, além de um desconto suplementar que varia entre 1% e 5% de acordo

com a faixa salarial do servidor. Em resumo, o desconto poderá chegar a 19%, com o agravante de que esse PL também limita a aposentadoria ao teto do INSS.

No momento o projeto está sendo analisado pelas comissões na câmara dos vereadores e pode ser votado no final desse mês. Os professores em greve buscam denunciar e barrar esse confisco salarial, pois sabem que esse ataque contra a carreira do funcionalismo é também um ataque direto à educação pública.



Greve na educação chacoalhou os EUA



Na Virgínia Ocidental, uma proposta de aumento de salário irrisória e a elevação dos custos com os planos de saúde foram a gota d'água para que 32 mil trabalhadores da educação (entre eles, 20 mil professores, mas também funcionários da cantina e motoristas de ônibus escolares) parassem suas atividades e fizessem com que todas as escolas do estado deixassem de funcionar. T tamanha mobilização torna-se ainda mais impressionante quando levamos em consideração que, mesmo depois dos líderes sindicais fecharem um acordo com o governador (que não previa o congelamento dos preços dos planos de saúde), os professores decidiram continuar em greve por conta própria. A vitória histórica dessa greve, que conseguiu 5% de aumento e um compromisso de que os custos de seus planos de saúde fiquem congelados, já inspira trabalhadores da educação de outros estados americanos. Para nós, ela é um claro exemplo de como os trabalhadores não precisam apenas de sindicatos fortes. Eles precisam também se organizar independentemente nos seus locais de trabalho e aprender a confiar na sua própria força.

